

Literatura Explicativa — ensaios sobre Ruy Belo  
VV.AA.

Publicado em Portugal por  
Assírio & Alvim

© Emílio Rui Vilar, Ida Alves, Cristina Firmiano Santos, Paula Morão, Jorge Fernandes da Silveira, Fernando J.B. Martinho, Gastão Cruz, Rosa Maria Marrelo, Herdeiros de Vasco Graça Moura (através da Sociedade Portuguesa de Autores), Diana Pimentel, Fernando Pinto do Amaral, Luís Mourão, Nuno Júdece, Jorge Valentim, Luís Maffei, Pedro Serra, Gustavo Rubim, Clara Rowland, Manuel Ricardo de Lima, Golgona Anghel, Marcos Lopes, Manaira Aires Athayde e Eduardo Lourenço  
© Manaira Aires Athayde (organização e fortuna crítica de Ruy Belo)  
© Herdeiros de Ruy Belo (poema na página 5)  
© Porto Editora, 2015

Na capa: fotografia de © Duarte Belo  
Na página 2: fotografia de © Teresa Belo

1.ª edição: Junho de 2015

Assírio & Alvim é uma chancela da  
Porto Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**  
Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto | Portugal  
[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

Apoio:



Execução gráfica: **Banco gráfico, Lda**  
Unidade Industrial da Maia  
DEP. LEGAL 393886/75  
ISBN 978-972-57-1835-5

A cópia legal viola os direitos dos autores.  
Os reproduzidos somos todos nós.

O pôr do sol em espinho não é o pôr do sol  
nem mesmo o pôr do sol é bem o pôr do sol  
É não morreremos mais é irmos de mãos dadas  
com alguém ou com nós mesmos anos antes  
é lermos leitniz conviver com os medicis  
onze quilómetros ao sul de florença  
sobre restos de inquietação visível em bilhetes de eléctrico  
Há quanto tempo se põe o sol em espinho?  
Terão visto este sol os liberais no mar  
ou antero de junto da ermida?  
O sol que aqui se põe onde nasce? A quem  
passamos este sol? Quem se levanta onde nos detramos?  
O pôr do sol em espinho é termos sido felizes  
é sentir como nosso o braço esguendo  
Ou melhor: é não haver mais nada mais ninguém  
mulheres recorradadas nas vidraças  
oliveiras à chuva homens a trabalhar  
coisas todas as coisas deixadas a si mesmas  
Não mais restos de vozes solidão dos vídros  
não mais os homens coisas que pensam coisas sozinhas  
não mais o pôr do sol apenas pôr do sol  
RUY BELO, «Literatura explicativa» in *Homem de Palavra[s]*

## ÍNDICE

<i>Apresentação</i> (Ou da compreensão de um poeta).....	7
Manáira Aires Athayde	
<i>Ruy Belo</i> . Homem de Palavra[s] .....	13
Emílio Rui Vilar	
PARTE I	
LUGARES, PAISAGENS E INTERTEXTUALIDADE	
<i>Poesia e paisagem na escrita de Ruy Belo</i> .....	21
Ida Alves	
<i>Algumas proposições sobre um «poeta líquido»</i> .....	35
Cristina Firmino Santos	
<i>Relatórios, contos e testemunhos, em Boca bilingue e outros livros de Ruy Belo</i> .....	45
Paula Morão	
<i>Ruy Belo: Brasil, país possível</i> .....	63
Jorge Fernandes da Silveira	
<i>Ruy Belo na Terra da Alegria</i> .....	73
Fernando J.B. Martinho	
PARTE II	
TORRENCIALIDADE, FRAGMENTOS E MONTAGEM	
<i>Construção e desconstrução em poemas longos de Ruy Belo</i> .....	95
Gastão Cruz	

tas» para alguém que as nossas palavras não conseguem conter. Ora, nesse contexto, a solicitação tão premente das «palavras» de outros tempos e de outros modelos literários corresponderá, na sua poesia, a uma vontade de diálogo e interlocação, ao desejo de «poder descobrir noutras pegadas anteriores às suas / passado para os passos que lhe cabe dar / na terra» (*ibid.*, 32).

Referências

Bero, Ruy. *Obra Poética*. Org. e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães. Vol. 1. 2.ª ed. Lisboa: Presença, 1984.  
 —. *Obra Poética*. Org. e posfácio de Joaquim Manuel Magalhães. Vol. 2. 2.ª ed. Lisboa: Presença, 1990.  
 BRANDÃO, Raul. *Os Pescadores*. Lisboa: Ulisseia, 1998.  
 CAMPO, Cristina. *Os Impendáveis*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005.  
 ERAS, Pedro. «O mar é transparente (Raul Brandão: pintura e metafísica)». In *Colóquio ao Encontro de Raul Brandão*. Porto: Lello Editores, 2000.  
 GUSMÃO, Manuel. *Tamagem e Palimpsesto. Da poesia em alguns poetas e poemas*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2010.  
 MIRANDA, José A. Bragança. *Queda sem Fim*. Lisboa: Veja, 2006.  
 Nobre, António. *Só*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000.

RELATÓRIOS, CONTAS E TESTAMENTOS, EM BOCA BILINGUE E OUTROS LIVROS DE RUY BELO

Paula Morão

Universidade de Lisboa

Para Gastão Cruz, Manuel Gusmão e Osório Mateus, para Isabel Leiria e Maria Isabel Rocheta<sup>1</sup>

Primeiro publicado em 1966 nas Edições Ática, *Boca Bilingue* é o terceiro livro de Ruy Belo, que em entrevista datada de 1968 virá a afirmar: «O título é um pouco estranho. Eu mesmo vi um dia que *bilingue* é um termo que o povo não utilizaria. Mas eu fui buscá-lo ao *Livro da Sabedoria*, onde a certa altura se diz: “A sabedoria detesta a boca bilingue.”»<sup>2</sup> (Belo, 2002: 31). «Estranho», portanto, é o diverso da linguagem corrente, em vez dela usando fontes eruditas, o que não surpreenderá o leitor que desde *Aquele*

<sup>1</sup> No ano lectivo de 1971-72, fui seleccionada com outros colegas para o Grupo de Poesia que Gastão Cruz dirigiu pela última vez na Faculdade de Letras de Lisboa. Gastão, Osório Mateus e Manuel Gusmão (ambos meus professores nesse ano) escolheram de entre os candidatos; entre estes se contavam Isabel Leiria, Isabel Rocheta e eu própria. A cada um de nós eram distribuídos dois poemas para trabalhar ao longo do ano; a mim calharam-me os «Só/da ama» da *Mentira e Moga* de Bernardino Ribeiro, e «Relatório e contas» de *Boca Bilingue*. Dedicar-lhes este texto é forma de dizer o quanto esta experiência inapagável foi fundacional na minha vida.

<sup>2</sup> A entrevista citada data de 1968. O mesmo versículo é citado no prefácio à 2.ª edição de *Homem de Palavras*, datado de Abril de 1978 (cf. Belo, 2009: 246).

## Referências

- BARRENTO, João. *A Palavra Transversal. Literatura e ideais no século XX*. Lisboa: Coróvia, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa*. Trad. Ivo Barroso. Vol. único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- BELO, Ruy. *Homem de Palavra[s]*. 5.ª ed. Lisboa: Presença, 1997a [1970].
- . *Transporte no Tempo*. 4.ª ed. Lisboa: Presença, 1997b [1973].
- . *País Possível*. 2.ª ed. Lisboa: Presença, 1998 [1973].
- . *Toda a Terra*. 4.ª ed. Lisboa: Presença, 2000a [1976].
- . *Despeço-me da Terra da Alegria*. 4.ª ed. Lisboa: Presença, 2000b [1977].
- . *Obra Poética*. Org. e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Vol. 3. Lisboa: Presença, 1984.
- . *Na Senda da Poesia*. Ed. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Asfrio & Alvim, 2002.
- BERQUE, Augustin. *Les raisons du paysage*. Paris: Hazan, 1995.
- CHENG, François. *Vide et plein. Le langage pictural chinois*. Paris: Éd. du Seuil, 1979.
- COLLOT, Michel. «Points de vue sur la perception des paysages». In ROGER, Alain (dir.). *La théorie du paysage en France (1974-1994)*. Seyssel: Champ Vallon, 1995 pp. 210-223.
- . *La matière-émotion*. Paris: PUF, 1997.
- . *La pensée-paysage*. Paris: Actes Sud, 2011.
- MAUROUX, Jean-Michel. *Le poète perplexé*. Paris: José Corti, 2000.
- . *Du lyrisme*. Paris: José Corti, 2002.
- Passos, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Campinas: Papirus, 1994.
- ROSAS, António Ramos. *Incisões Oblíquas*. Lisboa: Caminho, 1987, p. 70.

## ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE UM «POETA LÍQUIDO»<sup>1</sup>

Cristina Firmino Santos

Universidade de Évora

*mas talvez possam dizer de mim que amei o mar*

RUY BELO, «Idola Fori», *País Possível*

Neste estudo irei relacionar a metáfora marítima com a representação do polimorfismo e da opacidade do espaço criativo em Ruy Belo, em confronto com outras vozes poéticas importantes da tradição literária que escolhe — António Nobre e Raul Brandão. A relação aturada com o mar (uma das palavras que mais entra na sua poesia e de muitas maneiras) é pretexto para expor a consciência da dor e da experiência dessa aventura marítima em que o recorte individual se sobrepõe ao colectivo: ora na dimensão do povo português, definindo uma história de feitos marítimos épicos e trágicos, ora enquanto ser humano submetido às mais duras intempéries.

Assim, como poeta, Ruy Belo situa-se no lugar de exílio e de perpétuo diferimento face a um passado tão idílico quanto irrecuperável — «Chegou o tempo de chorar São» (Belo, 1984: 88), lamenta, em «Tempora nublada», recuperando o salmo 136/137 e a oposição São/Babilónia. Ao mesmo tempo, a perspectiva elegíaca e

<sup>1</sup> Expressão utilizada no poema «Agora o verão passado» (cf. Belo, 1990: 228).